

O QUE COMPRA ALGUÉM NO LARGO

Identities e homossociabilidades no largo do Arouche domingo à noite

Eros Sester Prado Guimarães¹

Maria Eugênia Perez Calixto²

Resumo: Neste texto discutimos os resultados de pesquisa etnográfica realizada no Largo do Arouche, na cidade de São Paulo, no segundo semestre de 2011 aos domingos à noite. Alguns aspectos são enumerados: as diferentes categorias através das quais os/as frequentadores/as acionam determinadas relações e negociam novas estratificações, os grupos dos quais participam mais ou menos ativamente (as *famílias*), o drama do "armário" e o contraste oferecido pelo "gueto", e também certos detalhes associados à esfera do consumo. Problematizamos, enfim, a importância de espaços de expressão de homossociabilidades e de demais sexualidades ditas "dissidentes", esperando assim, ampliar os termos do debate sobre sexualidades, identidades e espacialidades.

Palavras-chave: identidades, sexualidades, homossociabilidades

Este trabalho apresenta reflexões sobre trabalho de campo realizado no largo do Arouche nos domingos à noite no segundo semestre de 2011³. Frequentado majoritariamente por pessoas entre 14 e 21 na média, o largo do Arouche está situado naquilo que alguns chamam de “gueto gay⁴” ou “mancha gay⁵” paulistana.

Caracteristicamente situados em um contexto de exclusão sistemática, acreditamos no potencial político desses espaços, no sentido que a relativa liberdade de expressão de sexualidades neles cultivada pode contribuir - em maior ou menor

1 Graduando de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

2 Graduanda de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo.

3 Esta pesquisa foi orientada pela professora Sylvia Caiuby Novaes, do departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP), para a disciplina “Pesquisa de Campo em Antropologia” por ela ministrada no período citado.

4 Apesar dos apontamentos paradigmáticos realizados por McRae, 1983, estamos mais próximos de entender este termo como adotado em Perlongher, 2008, que, pensando o termo “*gueto gay*” se refere, de um modo geral, “aos sujeitos envolvidos no sistema de trocas do ‘mercado homossexual’ ... e aos locais onde as atividades relacionadas com sua prática sexual ... se exercitarem com frequência consuetudinária”. Além disso, essa noção não tem limites geográficos ou étnicos. O gueto “deverá flutuar e se nomadizar acompanhando os movimentos reais das redes relacionais que aspira significar” p.83.

5 “Manchas são áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante”, Magnani, 2005, p.178.

grau - para alargar ou embaçar fronteiras geográficas e simbólicas entre territórios de sexualidades hegemônicas e espaços de conforto ou diversidade.

Buscaremos aqui articular dados do campo a aspectos que julgamos essenciais para a compreensão da maneira como aquelas pessoas constroem suas identidades, interagem entre si e operacionalizam o espaço em questão, além do que, pretendemos problematizar a importância dos espaços de homosociabilidades na expressão dessas sexualidades ditas “dissidentes”.

Tais são os *aspectos essenciais* que discutiremos aqui: a sociabilidade das *famílias*, a partilha de um sentimento desalentador causado pelo não-reconhecimento - ou simplesmente o “armário” -, o conjunto de *categorias* que eles usam para se descreverem a si próprios, mas também aos outros, e a relação dos/as frequentadores/as com os discursos produzidos a respeito de práticas de consumo.

O Largo do Arouche e suas/seus frequentadoras/es

Podemos pensar no largo do Arouche como uma zona de conforto; um espaço em que diversas sexualidades ditas dissidentes (ou simplesmente *sexodiversidades*) se expressam com maior ou menor liberdade através de pelo menos meio século⁶. Visto dessa forma, como um espaço de extrema tolerância a (homo)afetividades, pode ser pensado também como espaço privilegiado de construção de identidades, já que propício a cruzamentos entre performatividades masculinas e femininas que, na prática, podem “borrar fronteiras de gênero e condutas homoeróticas”⁷. Não são apenas os/as mesmos/as jovens de sempre que frequentam o largo e os seus arredores, mas também diversas outras *populações* de *sexodiversos*/sexualmente dissidentes, que correspondem ou não a determinados segmentos comerciais, como os coroas⁸, as “bichas pretas” e “negões”⁹, as travestis, os michês¹⁰ etc.

6 Barbosa da Silva, 1959; McRae, 1983; França & Simões, 2005; França, Macedo & Simões, 2010.

7 É mais ou menos sentido que Perilo, 2010, aposta em sua abordagem do caso do Parque Vaca Brava - muito semelhante ao do largo do Arouche em diversos aspectos.

8 Simões, 2004.

9 França, Macedo & Simões, 2010, p.57.

10 Perlongher, 2008. Em França & Simões, 2005, os autores tratam de estabelecer um panorama entre diversas identidades que surgem no contexto do "gueto gay" e a relação que

As/os jovens frequentadoras/es do largo do Arouche intensificam a concentração no largo a partir das dezoito horas. O “horário de pico” vai das vinte às vinte e três horas, esvaziando a partir daí¹¹. Os jovens transitam bastante pela rua do Arouche, que possui um acesso ao metrô, e pela avenida Vieira de Carvalho (que com o largo forma o *coração* do “gueto gay”), que oferece razoável quantidade de estabelecimentos GLS, e que lhes dá fácil acesso tanto à praça da República quanto à estação de metrô homônima.

Embora possam comprar bebidas alcoólicas de vendedores ambulantes dentro do largo, alguns/umas dos/as frequentadores/as preferem ir até o mercado “Econ”, onde o preço das cervejas é menos inflacionado. Mas nem todos/as podem comprar bebidas alcoólicas no “Econ”; como grande parte das/os frequentadoras/es tem idade inferior a dezoito anos, aqueles que quiserem consumir bebidas alcoólicas terão que se contentar com as ofertas dos vendedores ambulantes.

Como não há nenhum banheiro público naquela região¹², os/as frequentadores/as devem traçar estratégias para conseguirem acessar banheiros em estabelecimentos. A maior parte dos meninos urina em uma grande árvore situada no interior do largo. Uma outra opção frequente é se infiltrar em algum dos bares da *prainha do Arouche* sem que os funcionários questionem a presença do infiltrador.

Muitos/as deles/as frequentam a matinê da balada “Freedom Club”, na qual o acesso apenas de grande parte se dá pelo fato de a entrada ser permitida para menores de dezoito anos.

Enfim, há dois aspectos que nos parecem essenciais sobre os/as frequentadores/as do Largo do Arouche: (I) muitos/as deles/as compareciam ao encontro com alguma frequência - o que facilitou o contato com eles e suas *famílias* -; e (II) há certos aspectos recorrentes entre os/as frequentadores/as.

Esses/as jovens moram geralmente em bairros distantes do centro da cidade - onde se situa o largo - e de baixo nível sócio-econômico¹³ (chamaremos aqui esses algumas delas possuem com a segmentação econômica, elemento da “mancha gay”).

11 Em São Paulo o metrô encerra suas atividades por volta da meia noite e meia. Como se verá, além disso, muitos desses/as jovens moram longe do largo do Arouche, e não utilizam apenas do metrô como meio de transporte.

12 Uma pergunta a ser feita é: por quê? Na época de sua pesquisa Perlongher {XXXX}, pontua que os banheiros públicos - notadamente os masculinos - eram particularmente frequentados.

13 Se bem que um tanto antigo, nos baseamos no Indicador Composto Juvenil (ICJ) calculado

bairros de “periferia”). Grande parte deles/as cursa o ensino médio - alguns terminam o ensino fundamental, outros iniciam o ensino superior. Muitos/as dos/as que estudam também trabalham.

O padrão de vestimenta dominante no largo dialoga diretamente com certo aprendizado de gênero típico dessas periferias. No entanto, esse padrão mais ou menos rígido de vestimenta se articula a outros aspectos ligados à manutenção de uma ordem compulsória de sexo/gênero/desejo¹⁴. No largo do Arouche vestir roupas masculinas, de “mano”, não é exclusividade do sexo masculino. As “sapatões” também o fazem. “Sapatões” não podem ficar com “sapatões”, só com “*ladies*”, que são “femininas”, em oposição às/aos primeiras/os. “Femininas” também são as “bichas poc poc”, mas estas não estão autorizadas a vestirem roupas “femininas” como as “*ladies*”, a não ser que estejam dispostas a serem interpeladas pelas provocações que vêm de todos os lados, inclusive de outras “bichas poc poc” mais “masculinas”. Mas mesmo usando roupas “discretas”, as bichas poc poc são constantemente interpeladas como tais quando vão “dar um close” pelo largo¹⁵.

Enfim, pode-se constatar desde já que há uma complexa rede de identificações e interpelações alimentada pela sociabilidade no largo e por aspectos ligados aos lugares de origem dos/as jovens que o frequentam, seus aprendizados de gênero e sua faceta performativa¹⁶, suas experiências pessoais, e também ao próprio caráter receptivo do “gueto gay”.

Conversas começam e terminam com grande facilidade; fala-se muito sobre sexo, sendo este o assunto que orienta quase toda a sociabilidade no Arouche. Esta se reflete nas práticas singulares de exercício da sexualidade dentro do contexto do largo. Beijos e abraços se dão de forma contingente e com aparente permissividade. Casais se formam e se desmancham com grande fugacidade, assim como os “namoros”. A dinâmica do *flerte* é generalizada. O próprio largo, ambiente propício a trocas erótico-afetivas é, por assim dizer, um grande laboratório onde a interação e

para cada distrito administrativo em São Paulo na pesquisa comentada em Bosquat & Cohn, 2003.

14 Butler, 2003, pp.24-26.

15 Estaríamos autorizados a nos perguntar se uma disposição entre esse conjunto de interpelações assim colocada está associada a um processo global de *heteronormatividade*, tal como a pensa Berlant & Warner, 2002, p.235, nota de rodapé 11?

16 Butler, 2003, p.48, pp.58-60.

dinâmica de seus/suas frequentadores/as corresponde a um processo de formação subjetiva, fundamental para muitos/as deles/as.

Por fim, nos resta buscar as formas através das quais os diversos fluxos simbólicos e de interação entre frequentadores/as orienta o processo de organização de uma sociabilidade territorializada (e “dominical”) e ajuda a (re)construir o largo do Arouche como um espaço típico de vivência de relações afetuosas dissidentes ou *sexodiversas*.

O que compra alguém no largo?

No início da pesquisa nos perguntávamos como o desenvolvimento de uma sociabilidade no seio do “gueto gay” estava relacionado com certa segmentação de serviços. Simões & França¹⁷ notam nos/as frequentadores/as do “gueto gay” central “uma incipiente especialização de serviços ligada à segmentação da homossexualidade em uma variedade de estilos de vida”. Nesse sentido, Negri & Hardt afirmam que “populações cada vez mais híbridas e diferenciadas apresentam um número prolífico de ‘mercados alvo’ que podem ser alcançados com estratégias específicas de marketing”¹⁸. Carvalho-Silva & Schilling, haviam nos apontado ser possível “verificar indícios que denunciam que o poder de consumo é definidor do perfil [dos frequentadores dos lugares de sociabilidade gay em São Paulo]”¹⁹.

No entanto, como lidar então com o fato de que a maior parte dos/as jovens com quem conversamos possuíam baixíssimo poder de consumo? Muitos deles gastavam apenas o dinheiro suficiente para ir e voltar para o encontro. Podiam consumir o vinho vendido pelos ambulantes ou pagar a entrada da matinê da “Freedom Club”, que é relativamente barata, e apenas isso. Se não há uma conexão tão determinante assim entre segmentação econômica e a ocupação do largo, o que mantém o encontro? Buscamos a partir daí esboçar respostas para estas perguntas.

Para tal nos utilizamos de estudos antropológicos sobre homosociabilidades no Brasil e o “gueto gay” de forma a estabelecer uma “comparação”²⁰. Também nos

17 2005, p.318

18 2006, p.170

19 2010, p.2.

20 Barbosa da Silva, 1959; Fry 1982; McRae, 1983; Fry & McRae, 1985; Perlongher, 2008;

inspiramos em uma abordagem que reconhece a “sexualidade” como um dispositivo biopolítico que possui certas especificidades²¹. A mais importante delas, para esta pesquisa, diz respeito ao caráter prescritivo e regulador de tal dispositivo, tendo em conta que este se materializa na produção massiva de saberes-poderes.

Categorias

Há um vocabulário generalizadamente compartilhado pelos/as frequentadores/as do largo. Expresso na forma de categorias, esse vocabulário circula em um complexo e relacional jogo de subjetivações e interpelações. O aspecto em questão, identificado desde o início do campo, nos pareceu fundamental para a própria “inserção” no campo, já que esta parecia depender da maneira como éramos interpelados/as em relação às categorias “nativas”.

Performance mais feminina		Performance mais masculina		
Lady	Hétero-Flex	Lésbica	(Sapa)tão	"Sexo" feminino
Mulher (Heterossexual)			Bofinho Caminhoneira	
Travesti	Bicha poc-poc	Gay	Homem (Heterossexual)	"Sexo" masculino
Drag queen	Maricona Bicha velha	Coroa		

O quadro acima tem a intenção de inventariar, por assim dizer, as categorias mais relevantes e recorrentes do nosso campo. A ideia de elaborar um quadro de categorias foi inspirada no quadro desenvolvido por Néstor Perlongher em “O Negócio do michê”, 2008, p.157, em que o autor situa as diversas categorias mencionadas em um *continuum* que envolve, além de gênero, variáveis de prostituição/não prostituição, de faixa etária e de estrato social²². A categoria

França & Simões, 2005; França, Macedo & Simões, 2010.

21 Notadamente Foucault, 1993, e algumas leituras feministas e *queer* de inspiração foucaultiana: Scott, 1990; Butler, 2003; e Sedgwick, 2007.

22 Fry & McRae, 1985, apresentam um quadro semelhante mais simplificado: p.44.

“bissexual” não foi situada no quadro acima devido a uma especificidade sobre a qual falaremos.

A/o “sapatão” e a “bicha poc-poc” são categorias extremamente importantes no contexto do largo. A/o primeira/o é aproximadamente uma mulher que tem uma performance mais “masculina” e a segunda é aproximadamente um homem mais performaticamente “feminino”. Para alguns/umas, trata-se de “querer chamar atenção”; para outros/as, trata-se de perseguir aspectos incorporados performaticamente pelo sexo oposto. Há ainda aqueles/as que enxergam essas figuras como transitórias, que tendem a se estabilizar com a maturidade.

Ser uma/um “sapatão” ou uma “bicha poc-poc” implica em uma série de prescrições de modos de conduta associadas não apenas à performance, mas também a posicionamentos sexuais. Atender a essas características, no entanto, não significa dizer que tais pessoas se identificam como “sapatão” ou “bicha poc-poc”, na medida em que essas categorias trazem consigo toda uma carga semântica indesejável e podem até ser utilizadas pelos/as “nativos/as” de forma pejorativa - na maioria das vezes indicando desprezo ou indiferença. Enfim, frequentadores/as do largo são interpelados/as por essas categorias, mas não se identificam por elas. Portanto, essas categorias são extremamente contingentes e relacionais em seu uso. Aquele que critica o comportamento de uma “bicha poc-poc” pode ser ele mesmo interpelado como uma.

Fry, 1982, desenvolve alguns modelos de compreensão da sexualidade em desenvolvimento no Brasil que, guardados os limites impostos pela distância no tempo, podem ser relacionados diretamente a essa profusão de categorias. O autor formula dois modelos de relações erótico-afetivas que variam conforme o contexto, especialmente conforme os aspectos de classe e região. Um modelo, “hierárquico-popular” baseava-se nas divisões binárias “bofe” *versus* “bicha”, “fanchona” *versus* “*lady*”, enquanto outro modelo, “moderno-igualitário”, típico das classes médias metropolitanas, tenderia para uma não hierarquização entre os ditos “entendidos/as”.

Ora, o que em várias vezes observamos no largo é a recorrência de ambos os modelos, e o entrecruzamento entre eles. O “popular” corresponderia à divisão binária “sapatão” *versus* “*lady*” e “homem”/“gay” *versus* “bicha poc-poc”; o “igualitário” à redução “gays” e “lésbicas”. Mas nós acabamos nos deparando com um quadro de relações bem mais contingente e variado.

Uma outra questão que merece atenção é a das bissexualidades. Muitos/as

dos/as frequentadores/as enxergam-nas como espaços de transição e instabilidade. “Bissexuais” são constantemente acusados/as de "não se decidirem", de aderirem facilmente a uma moda. Apesar disso uma quantidade notável de frequentadores/as se diz bissexual.

Famílias

Os/as frequentadores/as do Arouche com os/as quais tivemos contato nos informaram que existiam *famílias* no largo. Pelo que nos pareceu, essas *famílias* seriam como subgrupos em que se estabelecería uma certa divisão de papéis *familiares*. Existem “pais”, “mães”, “avós”; pudemos perceber que essa divisão obedece mais ou menos à ordem de entrada dos membros dentro das *famílias* e as afinidades que os novos participantes possuem com os mais “antigos”. Tais subgrupos serviriam especialmente como garantia de proteção a possíveis agressões sofridas pelos membros das *famílias*; nesse sentido, caso um dos membros de uma *família* se envolva em um conflito com alguém no largo, a família irá protegê-lo ou “acertar as contas”.

Um de nossos entrevistados afirmou ter ignorado a função de proteção das *famílias* até ter se envolvido em um conflito cuja causa teria sido um flerte não correspondido. Tendo se filiado a uma família, “Stronger Uzumaki”²³, o entrevistado diz ter sido então desferrado pelos membros da *família* na qual estava recém-filiado, contra a *família* rival à qual pertencia o seu agressor.

Os/as frequentadores/as disseram que tais subgrupos possuíam maior relevância antes de começarmos a frequentar o campo, e que devido a brigas e conflitos frequentes, muitas dessas *famílias* acabaram ou perderam sua importância. As opiniões em relação a tais grupos varia entre aqueles/as que são a favor ou contra as famílias. Alguns dizem que elas são importantes para que os seus membros estejam protegidos; outros acreditam que elas não deveriam existir, visto que são elas próprias que estimulam os conflitos, além de incentivarem o uso de bebidas alcoólicas e drogas.

23 A maior parte dos/as frequentadores/as que pertenciam a alguma *família*, eram filiados à “Stronger Uzumaki”. Outros nomes de *famílias* recorrentes foram: “Smurphs”, “Diamonds”, “Diamantes”, “Moon” dentre várias outras.

O “Armário”

Como zona de conforto para a experiencição de afetividades e sexualidades dissidentes, o “gueto” gay de certa forma se presta historicamente a fornecer uma espécie de proteção para esses “amores que não ousam dizer seus nomes”²⁴.

Edward McRae, em 1983, ressalta a importância do gueto:

“O gueto é um lugar onde tais pressões [sentimento de culpa e pecado opressores, medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e família] são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade”, p.56.

Não podemos, no entanto, falar em papel do “gueto” sem levar em conta os regimes de poder que contribuem para a sua constituição e legitimação, assim como espaço de produção de diferenciações. Para Sedgwick, a especificidade histórica da definição homosocial/homossexual é marcada por todo um conjunto de posições acerca do significado de “sair do armário”²⁵.

A força desse poderoso dispositivo que é o “armário”, em consonância com regimes de saber e não-saber, pode ser notado como fator decisivo no processo de guetização e, para aquilo que nos interessa, uma certa integração entre os/as frequentadores/as. Experienciar a sexualidade fora das instituições “clássicas” de disciplinarização dos corpos (no caso a família, a escola, o trabalho), na rua²⁶, por exemplo, nos parece fundamental para que possamos entender de que forma a dinâmica entre os/as frequentadores/as do largo tem se desenvolvido²⁷. Tal espaço se apresenta, para nós, como uma oportunidade única de trocas de experiências com

24 Como na consagrada poesia de Lorde Alfred Douglas, citada em Miskolci, 2007, p.55.

25 Sedgwick, 2007. Destacamos especialmente as pp.28-29.

26 “No caso brasileiro, predomina uma sociabilidade dividida entre vida familiar hetero e vida sexual homo na rua”, Miskolci, 2007, p.60.

27 Evidentemente reconhecemos que as técnicas de produção disciplinar de saber-poder são difusas. Neste sentido nos aproximamos da abordagem de Preciado, 2011, para quem o próprio “sexo” é uma tecnologia biopolítica.

pessoas que passam pelo *drama* de assumir-se, dado que muitos/as dos/as jovens frequentadores/as não são assumidos/as para a família, assim como na escola, no trabalho, nas igrejas (que muitos/as frequentam) ou eventuais cursos.

Focos de *resistência*, por assim dizer, não podem deixar de ser notados entre frequentadores/as. Um de nossos entrevistados, por exemplo, tendo sofrido homofobia sistematicamente em sua escola - no caso pública -, e ajudado por sua professora de geografia, que chamou a polícia para efetivamente pôr fim aos conflitos que se seguiam, passou a mobilizar eventos com temáticas relacionadas ao “combate à homofobia”, como uma “feirinha GLS”.

“Aqui é mais confortável”

Ao pensar na articulação entre construção de identidades e segmentação econômica, ativemo-nos, a princípio, à percepção dessas/es jovens frente ao mundo do consumo. Buscávamos compreender as diferentes formas através das quais suas identidades negociavam com estratégias de mercado e de obtenção de *status*.

No entanto, ficou evidente a partir da observação participante que as fontes de *angústia*, os *assuntos* que mais preocupavam esses/as jovens não estavam diretamente ligados a aspectos referentes a discursos e estratégias de mercado, mas sim a questões referentes à busca de afirmação de suas identidades enquanto jovens cuja expressão da sexualidade era marginal em relação a uma matriz normativa de sexualidade.

No entanto, notamos recorrentemente no campo que os/as frequentadores/as do largo valorizavam nitidamente bairros/regiões “centrais” em detrimento de bairros/regiões “periféricas”, nas quais eles/as próprios/as moram.

A “cena²⁸ gay”, tem se revelado heterogênea e múltipla, apresentando diversos eixos de segmentação dentre os quais estão classe econômica, geração e etnia/cor. Em circuitos de homosociabilidades não há apenas solidariedade por afiliação de orientação sexual, mas também há forte exclusão decorrente da afiliação de classe e, conseqüentemente, dos lugares e situações de moradia. Assim, morar na “periferia” é

28 Segundo Magnani, 2005, uma cena é “constituída pelo conjunto de comportamentos (pautas de consumo, gostos) e pelo universo de significados (valores, regras) exibidos e cultivados por aqueles que conhecem e frequentam os lugares ‘certos’ de determinado circuito”, p.201.

motivo de vergonha e pode se tornar um obstáculo para os jogos de flerte²⁹.

Há um tipo de brincadeira muito comum que ouvimos várias vezes no campo que está associada à desvalorização das regiões “periféricas”. Muitas vezes, se nos referimos aos lugares nos quais os/as jovens moram, eles nos dizem: “Ei, fala baixo” em tom de brincadeira, ou “é mesmo, eu moro naquele buraco”, ou então “não fala alto, senão você vai queimar o meu filme”. Um de nossos entrevistados disse no contexto do largo, perto de seus amigos, que morava em um bairro bem mais próximo do “centro” do que o bairro em que ele alegou morar na situação de entrevista isolada.

Além disso, alguns/umas deles/as apontaram a região da Avenida Paulista, da Rua Augusta, e da Rua Frei Caneca e do *shopping* homônimo como lugares onde as pessoas eram mais educadas, mais bonitas e mais bem vestidas³⁰. No entanto, a maior parte deles/as continua a frequentar o largo a despeito dessas opiniões: “aqui é mais confortável”.

Conclusão

E assim, retornamos à questão exposta no início deste artigo: a importância dos espaços de expressão de sexualidades como forma de traçar estratégias criativas de sociabilidades. Dito isso, gostaríamos de, por fim, concluir problematizando a produção de sentido que orienta a (re)construção - simbólica e física - do largo do Arouche domingo à noite. (Re)construção esta negociada pelos/as jovens *sexodiversos/as* que o ocupam todos os domingos.

Apesar de não termos respostas muito precisas, estivemos interessados em entender como o contínuo processo de (re)ocupação do Largo está associado com a construção de identidades daqueles/as jovens, da mesma forma que os/as mesmos/as jovens contribuem para a produção do espaço em questão.

Concluindo, a relação entre construção de identidades e consumo mostrou-se para nós um tanto quanto nebulosa. O que equivale a dizer que enxergamos em outros aspectos elementos mais relevantes no sentido de produção de (homo)sociabilidades e sujeitos. Dentre estes, podemos citar como decisivos o “determinismo geográfico” -

29 Sobre esses aspectos, cf. França, Macedo & Simões, 2010, e Carvalho-Silva & Schilling, 2010.

30 Para uma discussão mais aprofundada sobre as diferenças entre os espaços de homosociabilidade no centro e na região Jardins-Paulista, cf. França & Simões, 2005.

isto é, o ambiente historicamente propício a essa produção -, os aspectos etários e sócio-econômicos, também a relação tensa entre público/privado na sexualidade, e, por último, o efeito da dinâmica decorrente da interação entre essas pessoas na situação do “encontro” no largo.

Concluindo, gostaríamos de levantar questões que podem alimentar novos debates sobre espaços de homossociabilidades, sexualidades e identidades. Até que ponto a emergência de tais espaços podem ser considerada positiva? Sair do “armário” pode ser uma experiência menos “traumática” neste contexto? Em que medidas esses espaços contribuem para a aceitação de práticas *sexodiversas*?

Bibliografia

- BARBOSA DA SILVA, José Fábio. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. In: Sociologia Vol. XXI, São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1959.
- BOSQUAT, Aylene & COHN, Amélia. A construção do mapa da juventude de São Paulo. In: Lua Nova Nº60. São Paulo: Cedec, 2003.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de; e SCHILLING, Flávia. Fronteiras da sexualidade, fronteiras do consumo: sobre os jovens homossexuais do subúrbio de São Paulo. In: Fazendo Gênero 9, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. In: Cadernos Pagu (28). Campinas, 2007.
- FRANÇA, Isadora Lins & SIMÕES, Júlio Assis. Do “gueto” ao mercado. In: Homossexualismo em São Paulo. São Paulo: UNESP, 2005.
- FRANÇA, Isadora Lins, MACEDO, Marcio & SIMÕES, Júlio Assis. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: Cadernos Pagu (35). Campinas, 2010.
- FRY, Peter. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: Para inglês ver. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FRY, Peter & McRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor, “Os circuitos dos jovens urbanos“. In: Tempo Social, v.17, nº2. São Paulo: Editora EDUSP.
- MISKOLCI, Richard. Comentário. In: Cadernos Pagu (28). Campinas, 2007.
- McRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: Novos Estudos v.2, 1, p.53-60. São Paulo: Cebrap, 1983.
- NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. Império. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- PERILO, Marcelo. Eles botam o bloco na rua: sociabilidades homoeróticas de jovens em espaços públicos não-comerciais em Goiânia. In: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, Belém, 2010.

- PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PRECIADO, Beatriz. Manifiesto contrasexual. Barcelona: Anagrama, 2011.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade, 16 (2): 5-22. Porto Alegre, 1990.
- SIMÕES, Julio Assis. “Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais”. In: CARRARA, Sérgio, GREGORI, Maria Filomena & PISCITELLI, Adriana (orgs.) Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: Cadernos Pagu (28). Campinas, 2007.